

# Algo dentro de algo

---

**Assembléia Internacional dos  
Responsáveis de Comunhão e Libertação**

*La Thuile, 27 a 31 de agosto de 2005*

**Na capa:**

Abadia de São Gal, construída no século XII, nos arredores de Sena (Itália)

Sábado, noite  
27 de agosto de 2005

## INTRODUÇÃO

---

**Julían Carrón**

Cada um de nós chegou aqui com a espera no coração, com um desejo de realização: quanto mais for consciente do alcance desse desejo, mais se dará conta de que não é capaz de responder a ele com as próprias forças. Por isso, aquilo que cada um de nós sente mais seu, mais consoante à consciência dessa exigência, é o pedido: é um Outro que responde, é um Outro que realiza, nós somos pobres coitados, mendicantes de algo que não podemos dar a nós mesmos. Portanto, comecemos pedindo ao único que pode responder, ao Espírito.

Ó vinde, Espírito

Quero cumprimentar a todos vocês, um por um, e dar-lhes as boas-vindas a este nosso encontro de responsáveis em La Thuile. Estamos aqui, vindos de 70 países nos quais o Movimento está presente. Queremos cumprimentar particularmente os amigos da Estônia, de Honduras, da África do Sul e da Índia, que aqui estão pela primeira vez.

Hoje, nosso encontro não pode deixar de partir da graça que recebemos, da qual vocês puderam tomar ciência lendo o comunicado à imprensa de ontem: a audiência que tive ontem mesmo, ao lado de padre Pino e Cesana, com o

Papa Bento XVI. Perguntei a ele se podia trazer sua saudação a vocês e ele respondeu de imediato: “Sem dúvida!”. Sendo assim, transmito-lhes a caríssima saudação do Papa Bento XVI!

O diálogo que tive com ele tem relação com o que faremos nestes dias. O Papa mostrou-se muito interessado na nossa experiência em toda a sua riqueza. Perguntou-me a respeito de tudo, e já isso impressiona: que uma pessoa adulta pergunte sem parar! Todo o diálogo foi uma pergunta após a outra, às quais eu procurava responder da melhor e mais sintética maneira possível. Mas o ponto a que demos mais tempo foi a questão educativa.

Eu quis lembrar disso para que vocês pudessem saber quais são as preocupações do Papa, para onde está apontado o seu olhar no que diz respeito à nossa experiência, e, assim, para chamar nossa atenção para a responsabilidade que temos ante o carisma que nos foi dado.

Mas, em primeiro lugar, antes de ser responsabilidade diante do carisma, é responsabilidade diante de cada um de nós. A primeira coisa da qual devemos nos dar conta é que nós não somos diferentes de todo o resto: nós vivemos, somos chamados a viver a fé nas mesmas circunstâncias de todos os outros, e para nós, também, a luta é contra o nada. Não estamos a salvo, não somos poupados de coisa alguma. Por isso, se o cristianismo não recontecer entre nós como acontecimento, da mesma forma como deve recontecer para cada pessoa que encontramos, cedo ou tarde o pertencer a Cristo perderá também em interesse, e o niilismo vencerá. Eu pensava em tudo isso nestes dias no Meeting, enquanto ouvia os aplausos depois da palestra que havia dado, pois sentia que não eram apenas para mim. Pensava: “Por trás de cada pessoa que aplaude existe uma história, existe a história de um encontro, da verificação desse encontro; não são pessoas sentimentais que vieram parar aqui por acaso”. Um a um, todos aqueles que estavam lá haviam ficado fascinados por Cristo. Ora, sem que isso recontença continuamente, sem que cada um de nós volte a estar fascinado por Cristo, é

impossível que o nada deixe de vencer também em nós. Nós não resolvemos o problema, e o drama continua vivo em cada um de nós. A luta acontece todos os dias no nosso coração, no diálogo pessoal, misterioso, entre o eu de cada um de nós e o fascínio exercido por Cristo. Sem a vitória desse fascínio, estamos acabados, tanto o mais jovem quanto o mais velho, tanto aquele que vem hoje pela primeira vez quanto o que está aqui desde o primeiro dia. E amanhã, assim que você abrir os olhos, o mesmo drama voltará a se apresentar.

Por isso, depois do falecimento de padre Giussani, da mesma forma como antes, quando ele estava conosco, nós estamos diante desta escolha: Comunhão e Libertação talvez possa continuar a existir como organização por um punhado de tempo, como algumas coisas continuam; ou, em vez disso, pode continuar como experiência da vida, como fascínio que arrasta todo o eu. E isso se reapresenta para cada um de nós.

O que queremos nestes dias é justamente isso. Eu não desejo diminuir sequer em uma migalha o drama da relação de cada um de vocês com Cristo. Não estamos aqui para nos poupar do drama, mas para redespertá-lo continuamente, e por isso quisemos nos ajudar nisso mudando mesmo a maneira de estarmos juntos neste gesto. Depois dos Exercícios da Fraternidade, onde ouvimos a provocação ao nosso desejo de felicidade, de plenitude, a uma esperança que não decepciona, não queríamos acrescentar uma outra palestra sem ter antes trabalhado sobre tudo o que já ouvimos lá. Dissemos entre nós: vamos propor este trabalho a todos os nossos amigos, pois o Movimento não é uma escola na qual a pessoa assiste a uma aula de vez em quando, mas é acompanharmos ao destino. O Movimento nos interessará se for um caminho ao destino, se servir para que vivamos, para que caminhemos, para que não sucumbamos ao nada; do contrário, não nos interessará perder uma semana de férias para vir até aqui.

Então, o que foi que aconteceu desde os Exercícios? Que perguntas apareceram no trabalho de vocês? Que dificuldades? O que não deu para entender? Estamos aqui para nos ajudar nisso, para despertar mais uma vez essa dramaticidade

da relação de cada um de nós com Cristo. O tema de amanhã será a nossa vida. Faremos uma assembléia de manhã e outra à tarde, sem um percurso predeterminado, nas quais cada um poderá falar de si, das perguntas que tem, das dificuldades que tem a respeito da proposta dos Exercícios da Fraternidade, sem retomada de anotações, sem outras coisas: que cada um assuma a sua responsabilidade diante de Cristo, diante do que lhe aconteceu na vida. Sejam realmente companhia uns aos outros em primeiro lugar levando a sério as perguntas que temos, abraçando-as juntos. Para estarmos juntos, não podemos ter medo de olhar para as perguntas: não somos obrigados a olhar para o outro lado por termos medo de perguntas grandes demais ou das dificuldades ou do peso que carregamos.

Estamos juntos para nos ajudar a olhar. Que ninguém seja obrigado a voltar para casa mais retraído: aqui a pessoa pode ser ela mesma, pode expressar a si mesma sentindo-se abraçada por todos. Procuraremos responder às perguntas de maneira tal que o caminho seja mais claro para cada um. Começemos, então, a pedir a padre Giussani que nos dê uma mão nestes dias, e a Nossa Senhora que nos acompanhe, para que cada um volte para casa mais fascinado por Cristo.

Segunda-feira, manhã  
29 de agosto de 2005

PALESTRA

---

**Julián Carrón**

Como se viu claramente ontem de novo na assembléia, a nossa dificuldade, como verdadeiros filhos de nosso tempo, ou seja, “modernos”, é reconhecer o “Algo dentro de algo”: fazemos uma redução da realidade à aparência e por isso vivemos uma relação com a realidade que “eliminou” o Mistério, o “Algo que está dentro de todo algo”. É o que podemos chamar de dualismo: de um lado, o real; do outro, o Mistério. Todos nós podemos ver até que ponto é assim mesmo que as coisas acontecem, simplesmente nos perguntando o que houve esta manhã: quantos de nós, olhando para o real, hoje, disseram “Tu” ao Mistério que faz o real ou que faz o eu que despertou de manhã? Quem, esta manhã, se comoveu de gratidão porque Ele existe, porque o Mistério está aqui, porque o meu eu, com todo o seu limite, já é abraçado pela Sua presença (e por isso está contente, é grato)? E quando todos nós nos damos conta disso, tomamos consciência de quanto o Mistério, na nossa relação imediata com o real, não nos é familiar: é como se de um lado houvesse um Mistério separado da realidade e, do outro, um eu já constituído, ao qual, depois, se acrescenta alguma outra coisa.

Esse dualismo, que pode começar no instante seguinte à

primeira relação com o real, é o início do que levará à vitória do niilismo, pois a aparência não será capaz de arrastar o eu e, portanto, não será capaz de interessar por muito tempo: pouco a pouco, nada mais nos interessará. Mas, se não há essa relação com o real, o eu não volta a ser despertado, e continua fechado em si mesmo. Basta ver o que um de vocês perguntou esta manhã, como me contaram: “E quando não existe desejo?”. Aí está: um eu no qual já não existe desejo. É o niilismo do qual Augusto Del Noce falava há alguns anos: “O niilismo em voga hoje é o niilismo jovial, no sentido de que não tem inquietude. Talvez possa até ser definido como a supressão do inquietum cor meum agostiniano”<sup>1</sup>. Falta, no eu, essa inquietude do desejo: essa é a marca do niilismo da nossa época.

Dá para entender bem o que padre Giussani dizia numa das Tischreden: o verdadeiro problema é que já não existe educação, o problema está no fato de que já não se oferece um método. Ele contava o episódio do filho de Manzu, um aluno que, quando ia contar ao padre da paróquia o que padre Giussani lhe ensinava e lia as anotações para ele, ouvia do padre: “Olha, esse cara complica, quando, na verdade, a religião é simples”. Ou seja, as razões complicam, a busca das razões complica; muitas vezes, sentimos quase a mesma coisa: fazer um trabalho complica a vida, procurar as razões complica. Padre Giussani, ao contrário, dizia: “Nada disso, ilumina, ilumina”<sup>2</sup>.

É por essa forma de pôr as coisas, pela falta de método, que Cristo não é mais autoridade, mas um objeto sentimental, e Deus é alguém que mete medo e não um amigo. É por essa falta de método que tudo é sentimental.

Nós temos sorte, pois padre Giussani nos deixou um método para vencer esse dualismo e, portanto, também o niilismo. Por isso, hoje, sendo que é a primeira vez que nos encontramos depois de seu falecimento como Assembléia Internacional, devemos decidir; cada um de nós, como eu disse ao Grupo Adulto, deve decidir diante da herança que ele deixou: levar sua herança a sério, ou seja, levar a sério



o método que vence esse niilismo, ou sucumbir à redução sentimental que ele reprovava. Levar sua herança a sério, ou seja, levar o método a sério: identificar-se com padre Giussani significa identificar-se com esse método (totalmente o contrário do sentimentalismo!). Só assim ele se tornará realmente amigo. Do contrário, como o próprio padre Giussani diz, a respeito de Cristo, não será mais autoridade para nós. Se não levamos o método a sério, padre Giussani não será mais autoridade para nós e se tornará – queiramos ou não – objeto sentimental.

O que ele nos deixou é uma guinada para a nossa época, em resposta ao drama do nosso tempo, ao drama em que somos chamados a viver a fé cristã. Nós somos chamados a viver neste momento, nesta época histórica, que não é igual a outras, e tem esta dificuldade: a inimizade com o Mistério na maneira de olhar para o real. Ele dizia que a primeira coisa que a cultura em que estamos – inimiga mortal do nosso destino, do nosso eu, determinada pelo poder – impede é o conhecimento amoroso: impõe um outro tipo de conhecimento, errado, reduzido, podemos dizer; faz de tudo para impedir o conhecimento amoroso. Padre Giussani responde, com sua proposta e seu método, à verdadeira dificuldade histórica, da qual María Zambrano também fala: “O que está em crise é esse nexos misterioso que une o nosso ser ao real, algo tão profundo e fundamental que é nosso íntimo sustento”<sup>3</sup>.

O que está em crise é o nosso nexos com o real, a forma como nos relacionamos com o real desde o primeiro instante em que abrimos os olhos de manhã. Mas, se é isso que está em crise, e se o nosso “íntimo sustento” é esse nexos com o real, então não existe mais aquilo que nutre a vida, aquilo que alimenta a vida. De onde é que tomamos o “sustento” para viver, de onde é que vocês o tomam todas as manhãs, para olhar para vocês mesmos, para olhar para seus filhos, para ir trabalhar de um jeito diferente? De onde é que tomam o “sustento”? Podemos até viver o dia todo correndo de um lado pro outro, mas o nosso “sustento” não existe.

Se não entendermos que esse nexos com o real está obstruído, não entenderemos até o fundo qual é a guinada para a nossa época do carisma de padre Giussani; nós o reduziremos a algo sentimental, como se fôssemos um grupinho de espiritualidade, sem entender o alcance cultural, a esperança que significa para o próprio eu e para o mundo. Sem entender isso, podemos sair deste encontro um pouco mais chacoalhados ou mais agitados; isso dura uma semana, quando muito, e depois voltamos a ser como éramos antes. A pessoa não vive da lembrança de um encontro como este: ele é inútil se não aprendemos aqui, se não somos ajudados a viver o nexos com o real que se torna sustento cotidiano da vida.

Giussani é a resposta a essa crise, não apenas porque dá a resposta adequada do ponto de vista intelectual (outros também podem tê-la dado, desse ponto de vista), mas porque nos deu um método; tanto é verdade, que só ele criou um povo como o nosso. Essa é a razão da admiração que Von Balthasar sentia por padre Giussani: um gênio intelectual ficava maravilhado diante de um povo como este. Padre Giussani conseguiu criar um método, tornou possível um método que respondesse a esta crise; dá para perceber isso vendo o povo que ele gerou, um povo que conseguiu, não de maneira sentimental, mas de maneira realmente consciente, vencer a distância, pôr à sua frente uma atração vencedora, a ponto de que “não poderíamos mais viver se não o ouvíssemos mais falar”<sup>4</sup>.

## I. Do impacto com o real ao Tu

O primeiro ponto desse método tem este título: “Do impacto com o real ao Tu”. O próprio padre Giussani o descreveu no capítulo X de O Senso Religioso. É lá que ele, de maneira sintética, nos ensina a olhar para o real até chegar àquele “Algo dentro do real”, a ver “Algo dentro de algo”.

Diante do real, a primeira coisa é deixar-se tocar. Uma das coisas que mais me impressionou, entre as que li este ano, é

uma frase que padre Giussani escreveu em 1946 (nós ainda nem existíamos como movimento) a um padre amigo seu, Angelo Majo. Em duas linhas, já dá para ver a genialidade. É uma síntese do capítulo X: “Há algumas noites, pensando, descobri que tu és o meu único amigo; não por um exclusivismo estéril: [mas porque] a vibração inefável e total que se dá no meu ser, diante das ‘coisas’ ou das ‘pessoas’, eu só consigo captá-la na tua maneira de reagir”<sup>5</sup>. A vibração inefável diante das coisas e das pessoas: esse é o critério da sua amizade. A pessoa é amiga de padre Giussani, segundo esse critério, não quando conhece muito bem o “discurso” ou quando é melhor ou mais coerente (o que vai durar pouco), mas porque tem uma vibração inefável e total do próprio ser diante das coisas e das pessoas como a dele. Padre Giussani define padre Angelo Majo como um amigo, como o “seu” amigo, não por exclusivismo estéril, mas porque é o único ele que encontra que reage dessa forma. Lamento, mas é assim: não é que a pessoa decide, a pessoa se surpreende tendo essa vibração inefável e total diante das coisas e das pessoas. Tudo o que padre Giussani gerou brotou do fato de ter-se deixado tocar por essa vibração total das coisas e das pessoas que encontrou. Entre parêntesis, esse é o mesmo critério de juízo que Jesus tinha no Evangelho: “Com quem vou comparar esta geração? É parecida com crianças sentadas nas praças, gritando umas para as outras: ‘Tocamos flauta para vós, e não vos mexestes [não sentiram essa vibração]. Entoamos cantos de luto e não chorastes!’”<sup>6</sup>. É a mesma coisa, o mesmo critério.

Portanto, nós devemos aprender a nos deixar tocar, a experimentar essa vibração inefável e total; e a condição é não eliminar o dado do real. Pois, como diz genialmente Hannah Arendt, “a ideologia não é a ingênua aceitação do visível [ou seja, do real], mas sua inteligente eliminação”<sup>7</sup>. Nós podemos eliminar o real já no segundo instante – não podemos fazê-lo desde o primeiro. Por isso, temos de partir sempre daquela primeira experiência, única, de relação com o real: nós já estamos no real, não precisamos no enfiar nele; abrimos os olhos e nos encontramos no real, como a criança que abre os

olhos e se encontra em seu quarto.

Todos lembramos o início do capítulo X de O Senso Religioso: “Suponhamos estar nascendo, saindo do ventre de nossa mãe, com a idade que temos neste momento, no sentido de termos desenvolvimento e consciência como os possuímos agora. Qual seria o primeiro sentimento em sentido absoluto, isto é, o fator primeiro da nossa reação perante o real?”. O maravilhamento. Eu “ficaria dominado pela maravilha e pelo espanto”. Dominado! Deveríamos ler atentamente palavra por palavra: “dominado”, diz, não levemente tocado, nada disso, “dominado, atingido pelo contragolpe estupefato de uma presença [...], que é uma versão concreta [...] da palavra ‘ser’. O ser: não como entidade abstrata, mas como presença”<sup>8</sup>. Se a pessoa não vive assim, se a pessoa não é “dominada”, é como um “adulto atrofiado”. É por isso que não tem desejo: não há nada que o desperte! Mas aquele que é dominado pela presença do ser, pelo contragolpe do ser, logo percebe que a realidade não é sua, e que, por isso, depende.

Não me detenho em todas as passagens do capítulo, peço-lhes que o releiam até que se torne familiar para vocês: um olhar para o real que, a partir do maravilhamento, seguindo todas as passagens, só pode acabar por dizer “Tu”. “A esta altura, quando é despertado em seu ser pela presença, pela atração e pelo maravilhamento...” Vejam, é esse encontro com o real, esse “choque” com o real que nos desperta. Se o nexos com o real está em crise, o eu não é despertado, e por isso a pessoa se pega dizendo: “E quando não há desejo? E se a pessoa não tem o desejo?”. Não se lamentem pelo fato de não terem o desejo: o que está em crise é a relação com o real; e se a pessoa não encontrar o caminho para reconstruir a relação com o real, não haverá mais desejo. “Quando é despertado em seu ser pela presença, pela atração e pelo maravilhamento, e se torna grato, cheio de letícia, porque essa presença pode ser benéfica e providencial, o homem toma consciência de si como eu e retoma o maravilhamento original com uma profundidade que estabelece o alcance, a estatura da sua identidade”<sup>9</sup>.

A estatura da minha identidade, da minha consciência, depende da consciência desse maravilhamento do real; o teste de que eu não eliminei o real, de que a ideologia não venceu em mim no instante seguinte é que o meu eu é despertado, é grato e contente.

“Se neste momento eu estou atento, isto é, se sou maduro, não posso negar que a evidência maior e mais profunda que percebo é que eu não me faço por mim, não me estou fazendo. Não me dou o ser, não me dou a realidade que sou, sou ‘dado’. É o instante adulto da descoberta de mim mesmo como dependente de uma outra coisa”<sup>10</sup>. Eis o “Algo dentro de algo”.

“Quanto mais me adentro em mim mesmo, se chego até o fundo, de onde broto? Não de mim, mas de outro. [...] Trata-se da intuição [...] dessa misteriosa presença pela qual a consistência do seu instante, do seu eu é possível. Eu sou ‘Tu-que-me-fazes’. [...] Uso a palavra ‘Tu’”, continua padre Giusani, “porque é a menos inadequada [...]. Quando olho para mim mesmo e percebo que não estou sendo feito por mim, então eu, eu com a vibração consciente e repleta de afeição...”. Mas a quem é que isso acontece todas as manhãs, quando diz “eu”? Além do mais, toda a agitação, durante o dia inteiro, não nos dá um instante sequer dessa vibração consciente e cheia de afeição. “Quando olho para mim mesmo e percebo que não estou sendo feito por mim, então eu, eu com a vibração consciente e repleta de afeição que urge nessa palavra, só posso dirigir-me à Coisa que me faz, à fonte da qual provenho neste instante, usando a palavra ‘Tu’”<sup>11</sup>.

“A consciência de si mesmo até o fundo percebe, no fundo, no fundo, um Outro [Algo dentro de algo]. Isto”, atenção, “é a oração”<sup>12</sup>. Eu não faço isso quando não entendo, não, não: essa consciência, essa “consciência de si até o fundo que se depara com um Outro” se chama oração. Reconhecer esse Tu-que-me-fazes é estar comovido.

Diz Jeremias: “Amei-te com um amor eterno quando te chamei ao ser, por piedade do teu nada”<sup>13</sup>. Se nós não chegamos a dizer “tu” assim, a nos sentir amados assim já desde o início, não existe esperança na vida. A esperança não vem do que

eu faço, mas da consciência de que existe alguém que me ama com esse amor eterno, que a todo instante me chama ao ser, tendo piedade do meu nada. Mas eu devo reconhecer esse Tu. Como diz padre Giussani em “Tu” (o dell’amicizia), “as palavras mais difíceis são aquelas que explicam o nexo entre o acontecimento – o encontro, o evento – e o Ser que está por trás, que está dentro: a relação com o Ser”<sup>14</sup>. Nós ficamos na aparência: por isso, as palavras mais difíceis são as que explicam o nexo entre esse acontecimento e o Ser, o Tu que está por trás, que está dentro.

A pessoa que vive o real dessa forma deveria achar fácil esse reconhecimento. “Reconhecer o real como procedente do Mistério deveria ser algo familiar para a razão, já que justamente no reconhecimento do real assim como é, ou seja, como Deus o quis, e não reduzido, achatado, sem profundidade [...] se realiza até o fundo a possibilidade de razão e afeição que nós somos [deveria ser fácil]. De fato, a razão, pelo seu próprio dinamismo original, não pode se realizar a não ser reconhecendo o real enquanto mergulha no Mistério”<sup>15</sup>. Por isso, se a pessoa fosse realmente educada a usar bem a razão, reconhecê-Lo deveria ser fácil, deveria ser familiar à razão.

“Há, porém, uma ferida no coração pela qual algo se distorce no homem e ele não consegue apenas com suas próprias forças permanecer no verdadeiro, mas fixa a atenção e o desejo em pormenores e coisas limitadas. O desígnio originário, aquilo para que o homem é criado, foi alterado por causa do uso arbitrário da liberdade [...]. A experiência vivida todos os dias é que os homens tendem a identificar a totalidade da vida com algo parcial e limitado. E sair dessa parcialidade não está nas nossas mãos [por isso, não nos lamentemos]: ninguém entre nós consegue, sozinho, recuperar um olhar verdadeiro sobre o real”<sup>16</sup>.

## II. O Mistério na história

Para tornar isso possível, o Mistério entrou na história. Para

fazer com que o Mistério se tornasse familiar para nós, o próprio Mistério entrou na história: sem isso, sem essa ajuda histórica precisa, nós nunca conseguiríamos ter um olhar verdadeiro para o real.

“O cristianismo é o anúncio de que Deus se tornou um homem [...] num determinado lugar e num determinado tempo. O Mistério que está na raiz de todas as coisas quis se fazer conhecer pelo homem”<sup>17</sup>, por meio de um fato histórico. Ou seja, não mudou o método: tornou-se uma parte do real, pondo à sua frente uma atração que facilitasse ao eu, ou seja, a cada um de nós, a recuperação desse olhar verdadeiro para o real.

É o que padre Giussani conta do primeiro momento do primeiro encontro de João e André com Jesus. Desde o primeiro momento voltaram para casa com uma certeza: “Encontramos o Messias”<sup>18</sup>; ou seja, não reduziram o encontro desde o início, descobriram desde o primeiro momento aquele Algo dentro daquela coisa ali.

Leiamos novamente a frase inteira, extraída de Passos de Experiência Cristã: “Às vezes aparece como ‘um clarão na neblina’ [para aqueles dois, que se levantaram de manhã como todos os dias, apareceu como que um clarão na neblina], mas este aparecimento fugaz nos deixa igualmente a certeza de ter encontrado, para usar um jogo de palavras, ‘alguma coisa dentro da qual há alguma coisa’”<sup>19</sup>. E padre Giussani comenta: “Como puderam os dois primeiros [...] ser tão repentinamente conquistados e reconhecê-lo [até o ponto de dizer] (‘Encontramos o Messias’)? Há uma aparente desproporção entre a modalidade simplicíssima do que aconteceu e a certeza dos dois”<sup>20</sup>. Uma aparente desproporção: um encontro humano e a certeza.

“Se esse fato aconteceu, reconhecer aquele homem, quem era aquele homem, não profunda e detalhadamente, mas no seu valor único e incomparável [...] devia [...] ser fácil.”<sup>21</sup> Eles o acolheram no primeiro instante. “Por que era fácil reconhecê-lo? Por causa de uma excepcionalidade incomparável. Tinham diante de seus olhos uma excepcionalidade incomparável: tinham entrado em contato com um homem excepcional,

absolutamente incomum, irreduzível a qualquer análise.”<sup>22</sup> E nisso perceberam que havia Algo dentro daquele algo: “É o Messias!”. “Que quer dizer ‘excepcional’? Quando é que uma coisa pode ser definida como ‘excepcional’? Quando corresponde de forma adequada àquilo que originariamente o coração espera, por mais confusa e nebulosa que possa ser a consciência dessa espera.”<sup>23</sup>

É essa excepcionalidade que torna fácil reconhecê-lo. “Para João e André, aquele homem correspondia de modo inimaginável às exigências irresistíveis e inegáveis do coração. Ninguém era como aquele homem.”<sup>24</sup> Por isso nós não podemos reduzi-lo. Ninguém era como aquele homem. “Quem é este?”

“Não só foi fácil reconhecê-lo: era fácil viver o relacionamento com ele. Bastava aderir à simpatia que Ele despertava, uma simpatia profunda, semelhante àquela vertiginosa e carnal da criança para com a mãe, que é simpatia no sentido intenso da palavra. Uma criança pode errar mil vezes por dia diante de sua mãe, mas aí se ela for afastada de sua mãe!”<sup>25</sup> Eis a vitória sobre o dualismo: um apego, como o da criança à mãe, uma atração tão forte que arrasta todo o eu, com essa simpatia única, carnal; uma simpatia carnal, não “espiritual”, “ascética”, não, não, carnal, como para a criança com sua mãe. Se não for assim, o dualismo nunca será vencido.

Foi por isso que o Mistério apareceu na história, para pôr diante dos nossos olhos uma atração tão forte que arrastasse o eu; do contrário, seríamos como uma mina flutuante e cada um faria o que bem quisesse; não por maldade, mas porque não somos nós, com o nosso esforço, que nos “apegamos”: só essa atração faz nascer em mim uma simpatia profunda por Jesus. Quando a pessoa intui isso, como é que pode não encontrar, em qualquer coisa viva, a exigência da presença dEle (“Sou eu que te falta”)? Como quando alguém experimenta uma correspondência com a pessoa amada: se vê o pôr-do-sol sozinho, sente ou não sente falta da pessoa amada? Não é porque tem de ser um bom marido ou uma boa esposa, mas porque lhe falta: na relação com tudo, lhe falta alguma coisa.

Somente se esse acontecimento permanece no presente



como companhia há a possibilidade da esperança, há a possibilidade de que não vença o dualismo e, portanto, o niilismo: uma companhia na qual Cristo, o Mistério, continua presente tal como o experimentaram André e João. A possibilidade da esperança é que permaneça um acontecimento como esse entre nós. Não basta uma organização, é um acontecimento, é a ocorrência contínua de um acontecimento que tem essa atração poderosa. Não é desenvolvendo a lógica de um raciocínio teológico que nós descobrimos se esse acontecimento permanece: nós o descobrimos sobretudo quando ele produz a mesma coisa que vimos acontecer a João e André, quando ele volta a ocorrer como acontecimento e, portanto, desperta de novo a totalidade do eu e nos atrai a tal ponto que desperta essa simpatia que nos liga, que nos gruda, e assim nos escancara sem parar.

### III. A permanência do acontecimento

Cristo ajuda o seu eu, o meu eu, a caminhar para o destino, ou seja, para o que o coração deseja, tornando-se companhia.

“Acompanha-o fisicamente com a companhia na qual o inseriu. Ele se torna presente a você [...] [e a mim] nessa companhia. Por meio da companhia daqueles que chamou, como a você, Cristo estreita-se em volta de você: essa companhia é exatamente Cristo presente. A presença de Cristo é a companhia daqueles que Ele chamou, como a você. Essa companhia é Cristo na sua realidade humana, é o corpo de Cristo que se torna presente a você, tanto que você O toca, O vê, O sente. O seu valor é mais profundo do que o que você vê [é o “Algo dentro de algo”]; [...] mas o que você vê é o mistério de Cristo que se lhe revela. ‘Corpo’ [corpo de Cristo] não diz tudo o que uma pessoa é. Diz o que aparece e se deixa ver daquilo que uma pessoa é. Mas essa aparência é real [...]. O corpo é real, experimentável. E nós somos parte desse Seu corpo, que tem uma profundidade muito maior do que o que se vê, tem um valor que excede a realidade humana dos seus componentes,

tem uma raiz que penetra numa terra a nós desconhecida: a terra do Ser, do Mistério. O corpo não deixa ver toda a personalidade, mas é o início de todo o misterioso caminho por dentro da personalidade. O mistério de Cristo é como o mistério do nosso eu, que se documenta no corpo. O que se vê, o que se sente, o que se toca [...] revela-me algo daquilo que você é, do mistério do seu eu [...]. Do mesmo modo, essa companhia na qual Cristo o chamou e com a qual se estreita em volta de você revela-lhe o que Ele é para você: por meio do olhar e do comportamento que Ele suscita naqueles que pôs em volta de você – justamente enquanto O reconhecem, obedecem-nO e vivem a Sua memória –, você conhece mais quem é Cristo”. Para isso, “há pessoas na companhia que fazem você sentir a memória de Cristo de modo dez vezes mais fácil que todas as outras”<sup>26</sup>. Essas são as verdadeiras autoridades, que facilitam mais a você, em sua relação com Cristo, sentir e experimentar Cristo, porque O reconhecem mais, obedecem a Ele e vivem a memória, não porque tagarelam mais do que os outros, mas porque O reconhecem, obedecem a Ele e vivem a memória.

“Por meio desse corpo você compreende o Mistério que habita nele, o Eu que está dentro dele [aquele “Algo que está dentro daquele algo”], que é a origem e o destino de tudo [...]. Perceber a presença de uma companhia de modo tal a reconhecer nela o mistério de Cristo presente é um ‘cume’ para além da razão: chama-se fé, porque a ultrapassa”<sup>27</sup>. Portanto, não conhecemos realmente, até o fundo, a companhia, se não chegamos até aí, até a dizer o nome dEle. Quando acordei esta manhã, pedi ao Senhor que me desse a capacidade de poder ajudar vocês a dizerem esse nome, pois, do contrário, se vocês não chegarem a dizer a palavra Cristo, perderão o melhor; eu lamento, mas o melhor, aquela vibração inefável e total, se obtém diante desse Tu. Dá para entender isso a partir da comparação que já fizemos: um belo pôr-do-sol, sem a pessoa amada, não tem sabor; tudo pode ser extremamente belo, mas sem ela, ou sem ele – como quando a pessoa acorda de manhã e falta a pessoa amada – não há gosto. É por isso que Cristo nos interessa: não para sermos bons membros

do Movimento, mas para o eu, para o eu de cada um de nós, para que possamos viver a vibração inefável e total diante das coisas e das pessoas como padre Giussani. E isso tem a ver com a razão, é um ponto culminante além da razão: isso se chama fé.

“A razão nasce dentro do terreno da experiência [...], mas acaba, seguindo o dinamismo que lhe é próprio, no limiar de um ‘além’, de um ‘outro’, implicado na experiência mas ‘para além’ dela, ‘maior’ do que a capacidade de imaginação e de compreensão da razão: o infinito, o mistério. A razão é consciência da realidade segundo a totalidade dos seus fatores. A totalidade dos fatores de uma realidade implica a sua relação com o infinito, com o mistério, do qual a sua existência em última instância depende. [...] E se não chego aqui não sou razoável, porque nem todos os fatores são levados em consideração”<sup>28</sup>.

O Mistério, Cristo, demonstrou sua ternura por você, por seu destino, como pelo meu, fazendo-nos encontrar um lugar assim, no qual, pelo fato de estarmos aqui, aprendemos a nos tornar familiares com o Mistério. Essa é a educação da qual padre Giussani sempre nos falou: uma introdução à realidade em sua totalidade, segundo todos os fatores. Se a nossa educação, se a educação que damos em nossas comunidades não chega até aí, não é educação de acordo com o Movimento, não está de acordo com aquilo que ele nos ensinou, não é um uso da razão adequado, pois não leva em consideração todos os fatores do real. O Mistério, que nos fez, tem essa ternura por nós, fazendo-nos encontrar um lugar onde se torna cada vez mais familiar: sem esse Mistério que se torna familiar, sem esse ponto de fuga, a pessoa sufoca no real, nas circunstâncias, na vida.

É de nosso interesse, convém a nós seguir. Sendo que a pessoa intui que lhe convém, diz: “Vou com eles”, ou seja, continua a seguir uma pessoa, uma companhia na qual percebeu um sopro novo, “o sopro novo de uma promessa de vida”, escreve padre Giussani, “pressentiu uma Presença correspondente à espera original do coração. [...] O mistério de Deus, que de

outro modo seria percebido como muitíssimo distante, abstrato, torna-se assim urgência na sua vida de todos os dias: sugestão para olhar o céu e a terra, emoção e comoção no escancarar o coração a uma preferência<sup>129</sup>.

Seguir é sempre um início, é o reacontecer desse início. Por isso, nós precisamos de uma autoridade que escancare constantemente o nosso coração: uma autoridade é alguém que nos faz mais presente, alguém que nos facilita mais o reconhecimento do Mistério; é uma ajuda à liberdade, a estar diante do Mistério, é uma exigência que temos para não sucumbir à nossa medida, para não nos tornarmos fechados. Por isso, a nossa companhia não existe para censurar a dramaticidade da vida, mas para despertá-la, para despertar esse drama da nossa relação com o Mistério. Do contrário, não temos nem o desejo, como se dizia.

Nossa esperança, a esperança de que o nosso eu não se torne achatado – como uma pedra, para a qual o pôr-do-sol é o mesmo que nada – é uma esperança em algo presente, que nos educa e nos escancara constantemente para o real até o Mistério, de modo tal que possamos viver com uma intensidade cada vez maior. A salvação não é apenas algo do além, é essa intensidade da vida que já começamos a viver, que sabemos que existe no aquém, não apenas no além, que já começamos a experimentar; por isso despertou-se em nós o desejo de algo mais, queremos mais: queremos sempre, queremos a cada momento, queremos em cada circunstância essa intensidade. Por isso precisamos cada vez mais de um lugar que nos faça experimentar essa intensidade em tudo.

Terça-feira, manhã  
31 de agosto de 2005

SÍNTESE

---

**Julián Carrón**

“Deus é Rei! Exulte a terra de alegria, e as ilhas numerosas rejubilem! [...] Seus relâmpagos clareiam toda a terra; toda a terra ao contemplá-los estremece”<sup>30</sup>. Todos nós, todos os dias, estamos diante dessa Presença que faz a terra estremecer. Nós precisamos ver constantemente Seus relâmpagos que clareiam toda a terra, pois assim podemos estremecer, nosso eu pode estremecer.

Ou, como dizia um outro salmo: “Convertei-nos, ó Senhor Deus do universo, e sobre nós iluminai a vossa face! Se voltardes para nós, seremos salvos!”<sup>31</sup>. Todos precisamos que reaconteça essa conversão continuamente. Não tenham medo da sua fragilidade: é inexorável. Não devemos nos preocupar demais com o fato de cedermos, de cairmos: somos pobres coitados. Todos precisamos nos converter continuamente: que o Senhor ilumine sobre nós a Sua face de modo que sejamos salvos! É isso que devemos pedir sem parar, não que não sejamos frágeis, pois sempre seremos frágeis (a criança não tem medo disso, na medida em que tem sempre a presença da mãe). Devemos pedir o que o Salmo pede: “Faz, ó Cristo, que Tua face, Tua beleza, Tua atração volte a brilhar diante de nós, de modo que eu possa experimentar agora, de novo,

a Presença que me salva". O Senhor vem ao encontro da sua necessidade, da minha necessidade, continuamente, já desde o início, quando a pessoa é fiel a certos gestos. Por que, no início da manhã, rezamos usando os Salmos? Para sermos bons membros do Movimento? Não, nós fazemos isso porque precisamos que reaconteça aquela conversão, precisamos ver o rosto dEle, ver a Sua luz, ver a Sua atração.

"Sião escuta transbordante de alegria." A nossa alegria, o nosso regozijo, depende desse ouvir o que acontece bem na nossa frente: "Exultam as cidades de Judá, porque são justos, ó Senhor, vossos juízos! Porque vós sois o Altíssimo, Senhor, muito acima do universo que criastes, e de muito superais todos os deuses"<sup>32</sup>.

Todos os dias, caríssimos amigos, reabre-se esse drama, o Senhor vem ao nosso encontro e reabre esse drama para nós. Mas qual é o problema que denunciemos no início? Que numa situação de dualismo, e portanto de niilismo, tudo isso é sentido por nós como abstrato, como igual a nada. Nossa época é realmente dramática em razão dessa ruína do eu, desse niilismo jovial: se não somos continuamente tocados pelo real, pelo esplendor do Seu rosto que nos desperta de novo, que vem ao nosso encontro por meio do real, não somos salvos, não somos "eus", e isso nos faz decair constantemente.

O bom de acordar de manhã é que nós não somos deixados sozinhos com o nosso nada, com o nosso sentimento, com o nosso estado de ânimo, com a nossa percepção. Estamos aqui hoje e o Senhor veio ao nosso encontro de muitas formas desde que abrimos os olhos esta manhã: desde a beleza do real que nos cerca até o rosto dos amigos, desde os cantos até o Ângelus, até os Salmos...

O Senhor recomeça a luta contra o dualismo, contra o niilismo, todas as manhãs, vindo ao nosso encontro: não nos deixa sozinhos. E todos, nestes dias – como vocês me testemunharam de muitas formas –, vimos como isso reacontece diante dos nossos olhos. Não é que Cristo falte, não é que não venha continuamente: é que nós precisamos aprender a nos pôr diante do real como padre Giussani, pois nós, muitas

vezes, no instante seguinte, já o eliminamos. Como nos dizia uma pessoa há poucos dias: “É verdade que a realidade vem antes, mas às vezes parece que estou tão ‘doente’ que logo a censuro, tanto que antes da realidade sempre existe um pensamento meu sobre ela”. Nesse primeiro pensamento, de que fala esta amiga, o dualismo começa a vencer, não muito tempo depois, mas quase já no segundo instante: é a prece-dência do que penso e sinto sobre o real, sobre o impacto, sobre o “choque” com o real.

Padre Giussani dizia há alguns anos: “A realidade é concebida de acordo com um a priori, que é determinado pela postura com a qual a pessoa está diante da realidade”<sup>33</sup>. É como algo que elimina o real. Mas, cuidado, nós não podemos, no primeiríssimo instante, deixar de ter esse “choque” com o real: o primeiríssimo momento é o maravilhamento, algo que me toca. Mas no instante seguinte pode prevalecer um pensamento meu, sem que eu quase perceba: antes da realidade, já prevalece um pensamento sobre ela.

Não podemos evitar o choque com o real, é impossível. Todos vimos esta manhã a beleza das montanhas! Mas em quantos de nós prevaleceu esse “dado”? Muitas vezes, no instante seguinte, já se insinua: “Sim, mas hoje...”. Na vida real, não podemos deixar de ter esse primeiríssimo choque com o real, mas depois prevalece a preocupação, o estado de espírito (“Mas hoje...”): no instante seguinte, nós o eliminamos. Mas isso já é uma escolha da liberdade, é um segundo momento. É o que padre Giussani diz no capítulo X de O Senso Religioso, quando responde a alguém que afirma que a religião nasce do medo: não é verdade, isso já é um segundo momento. É essa escolha da liberdade que elimina o real. Por isso, todas as manhãs recomeça a luta: eu posso ceder ao primeiro contra-golpe do Ser ou posso deixar que prevaleça uma outra coisa. É a ideologia. “A ideologia”, como citávamos, lembrando Hannah Arendt, “não é a ingênua aceitação do visível [do real], mas sua inteligente eliminação”<sup>34</sup>. A pessoa sempre tem alguma razão (quanto mais for inteligente, mais terá “razões”), mas elimina o real. Qual é, então, o sinal de que não o elimina? O fato de

que a pessoa está contente e grata porque o real existe.

Nunca vi algo mais eficaz para expressar isso do que um conto de Elsa Morante. É uma história dentro de um conto seu. “Havia um soldado da SS que, por conta de seus crimes horríveis, um dia, ao amanhecer, estava sendo levado para a execução. Faltavam ainda uns cinqüenta passos até o local da execução, ali mesmo no pátio da prisão. Naquela travessia, seu olhar, por acaso, pousou sobre o muro esburacado do pátio, onde havia desabrochado uma daquelas flores semeadas pelo vento, que nascem aqui e ali e se alimentam – ao menos é o que parece – de ar e de calíça. Era uma florzinha miserável, composta de quatro pétalas violáceas e de um punhado de folhinhas pálidas, mas àquela primeira luz do dia o soldado viu nela, com seu esplendor, toda a beleza e a felicidade do universo, e pensou: ‘Se eu pudesse voltar atrás e parar o tempo, estaria pronto a passar minha vida inteira adorando essa florzinha’. Então, como se fosse uma outra pessoa, ouviu a própria voz dentro de si, mas alegre, límpida, embora distante, vinda quem sabe de onde, que lhe gritava: ‘Em verdade, te digo: por esse último pensamento que tiveste à beira da morte, serás salvo do inferno’. Para contar tudo isso a você, leitor, precisei de um pouco de tempo, mas a duração disso, naquele momento, foi de meio segundo. Entre o soldado passando ladeado pelos guardas e a flor que despontava no muro havia ainda mais ou menos a mesma distância inicial, apenas um passo. ‘Não!’, gritou consigo o soldado da SS, voltando-se para trás com fúria, ‘não, eu não caio de novo nesses truques!’. E, sendo que tinha as duas mãos imobilizadas, arrancou aquela florzinha com os dentes, depois a jogou no chão, pisoteou-a e cuspiu em cima dela”<sup>35</sup>. É isso, o conto termina aqui.

A luta contra o dualismo reacontece nesse meio segundo. Nessa fração de segundo, nós podemos já ter sido vencidos, podemos ceder a esse dualismo, e portanto ao niilismo. Nem mesmo um soldado da SS que caminha para a execução pode evitar essa luta: todas as coisas que havia feito e todos os crimes que havia cometido (imaginem o que vocês quiserem), tudo o que havia feito não podia impedir o “cho-



que” com aquela florzinha; e o drama se reabre. Num ponto qualquer da vida, reabre-se o drama. Seja lá como tiver sido a vida, a pessoa intui que “se pudesse voltar atrás, passaria a vida inteira adorando essa florzinha”, pois até mesmo aquela simples flor é o sinal de todo o real; por isso, “em verdade te digo, por esse pensamento que tiveste à beira da morte, serás salvo do inferno”.

O que nos salva do inferno é ceder à atração vencedora, à atração extremamente forte dessa flor, do ser, do ser que vem ao nosso encontro. Mas, este é o ponto: toda a atração do ser, que facilita para você a adoração, essa atração extremamente forte não poupa a sua liberdade; aquela florzinha é dom, é dom – como dizíamos ontem –, é dom, mas não poupa a sua liberdade, nem em sonho, graças a Deus, e por isso precisa do seu sim, do seu reconhecimento, precisa dessa atividade, que é quase uma passividade, de acolher, de receber. Mas a pessoa pode dizer não (“Não, não posso cair de novo nesses truques, não”). Ninguém pode nos poupar dessa decisão da liberdade. Esta é a nossa grandeza de homens e este é o drama: a pessoa pode ceder à atração vencedora, extremamente forte, ou pode deixar prevalecer o não. Mas o não é sempre um segundo momento.

Nós somos salvos do inferno justamente quando acolhemos, quando aderimos a esse contragolpe do real, a ponto de passar toda a vida em adoração, precisamente porque é isso que nos salva. Nossa decisão, todas as manhãs, é justamente esta: entre receber e negar. É simples assim! Não é um problema de fragilidade, não é um problema de coerência, é um problema de simplicidade do coração, de acolher, de receber, de aceitar o dom ou de negá-lo, pois o que está em crise, amigos, é esse nexos misterioso que une o nosso eu ao real.

Daí a insistência de padre Giussani no real, no realismo. Não é por acaso, mas porque somente esse deixar-se tocar pela atração do real vence o dualismo: o Mistério não é abstrato, vem ao nosso encontro por meio de algo atraente; mas se o que vence é esse distanciamento, em vez daquela atração, estamos acabados. Ninguém pode dizer – se isso

pode acontecer até a um soldado da SS, com tudo o que fez na vida –: “Mas a minha história no passado, a minha mentalidade...”! É tudo conversa fiada! Pois o drama se reabre todos os dias; eu posso ceder ou posso negar, mas toda a história não pode impedir que isso volte a se abrir.

“Nada antepor ao amor de Cristo”, dizia o papa Bento XVI, citando São Bento, a Regra: nada antepor a Cristo. Poderíamos dizer isso como se fosse uma frase piedosa, ou podemos repeti-lo neste sentido: nada antepor ao dado, ao dado do amor de Cristo, ao dado de que somos abraçados; não antepor nenhum pensamento nosso, nenhuma imagem nossa, nenhuma decepção, ao Fato de Cristo todas as manhãs, ao fato de termos sido escolhidos, feitos, ou seja, amados: “Amei-te com um amor eterno quando te chamei ao ser, por piedade do teu nada”<sup>36</sup>.

Dizer todas as manhãs, com toda a consciência da razão, “Tu” ao Mistério que me faz é reconhecer que sou amado. Não importa o que você fez ontem, não importam os seus sentimentos, pois até o fato de que você tem sentimentos significa que um Outro o faz, tem piedade do seu nada. Você pode deixar prevalecer esse fato, graças ao qual você sente tudo, até mal-estar, ou então pode deixar prevalecer uma segunda coisa.

Você é chamado ao ser, essa é a evidência mais límpida, diz-nos padre Giussani: não existe evidência maior do que o fato de que somos feitos. Sendo assim, existe Alguém que o faz, existe Alguém que tem piedade do seu nada, do meu nada, dando-nos o ser: não precisamos de nada, não precisamos nem do fato de que as coisas tenham ido bem ontem, mas precisamos reconhecer isso todas as manhãs.

Que tamanha esperança se reabre todas as manhãs para cada um de nós, quase a cada instante do dia, seja lá o que tiver acontecido, seja qual for a circunstância em que eu viva, quando redescubro esse Algo dentro de algo! Como seria diferente a vida, se nós a sentíssemos abraçada a todo instante, todas as manhãs! E isso é deixado à nossa liberdade. A alternativa é o que Sartre dizia: “As minhas mãos.

O que são as minhas mãos? A distância incomensurável que me separa do mundo dos objetos e me afasta deles para sempre<sup>37</sup>: o niilismo. Se essa separação vence, ocorre o niilismo. Em vez disso, se a pessoa cede à atração do ser, tudo nos é dado de novo. Cristo veio para isso, para nos fazer descobrir, para nos ajudar a descobrir no real o Algo dentro de algo, para nos educar a isso, pois toda a pessoa dele não buscou outra coisa a não ser introduzir-nos no Mistério.

“Jesus [é uma das frases que eu me repito sempre] era um homem como todos os outros, era um homem a quem não caberia nenhuma possibilidade de exceção à definição de homem, era um homem como todos; mas esse homem disse de Si coisas que outros não diziam, tinha uma maneira de dizer as coisas que outros não tinham. Sinal de todos os sinais. A sua realidade [é o mesmo método: primeiro, a realidade da flor, agora, a realidade de Jesus], uma vez que era conhecida e as pessoas eram tocadas pela sua presença, era sentida, olhada e tratada como sinal de uma outra, remetia a outra coisa. [...] Jesus não concebia a sua atração sobre os outros como uma referência a si, mas sim ao Pai<sup>38</sup>. Isso é a educação! Jesus veio ao mundo, fez-se homem, nos atraiu para si, não para nos manter presos a ele, mas para nos abrir, para nos arrastar ao Pai: “a Ele”, continua padre Giussani, “para que Ele pudesse conduzir ao Pai”, ao ponto de fuga que nos faz respirar em qualquer situação.

Nós estamos juntos – amigos – por isso. Se não é por isso, vão embora tranquilos, porque não estarão perdendo nada. Se nosso estar juntos não é para nos abrir constantemente ao Pai, ao Mistério, a vida é insuportável, é uma asfixia, a pessoa sufoca. Ao contrário, você fica com alguém porque ele o escancara continuamente, faz com que você se torne você mesmo, pois o reabre continuamente: de fato, o eu é essa capacidade do Infinito, é esse escancarar-se à totalidade; somos feitos para o Infinito (não para o “buraco”). Se não é por isso, cedo ou tarde estar juntos não nos interessa mais.

Por isso, todos nós temos uma responsabilidade: o Movimento pode ser apenas uma organização ou pode se tornar

para cada um de nós, e nós uns para os outros, esse contínuo chamado de atenção do eu; cada um pode ser para o companheiro que está a seu lado o que Jesus era para os seus: "Jesus não concebia a sua atração sobre os outros como uma referência a si, mas sim ao Pai: a Si, para que Ele pudesse conduzir ao Pai. [...] Neste sentido, a fé em Cristo supera e torna mais claro o senso religioso. A fé [...] revela o objeto do senso religioso, que era inacessível à razão do homem"<sup>39</sup>.

É essa certeza da fé que invade o eu e que nos escancara constantemente, isso é o que faz a diferença, essa é a novidade que Jesus introduziu na vida: participar de um fato histórico, de uma realidade histórica, real, concreta, que invade o eu, que nos faz ir até o Pai, nos escancara a reconhecê-lo no ápice da razão (completamente diferente do sentimentalismo!), como Jesus, que os arrastava todos ao Mistério, àquele Algo dentro de algo. Não somos nós que precisamos sustentá-lo: Ele existe, a vida é diferente porque Ele existe, está presente. A nós, basta reconhecê-Lo, não eliminá-Lo no instante seguinte, como o soldado da SS. O soldado da SS não precisava se preocupar em fazer a flor brotar, ela estava lá na sua frente, tinha apenas de fazer uma coisa: não eliminá-la.

A nós, basta reconhecê-Lo, acolher o dom, não eliminar o dado. É isso que faz com que nos tornemos filhos. Podemos viver a vida como filhos, porque temos o Pai, ou como órfãos. Se há algo evidente, é que nós não nos fazemos, nós temos o Pai: podemos viver como filhos, com a consciência de sermos abraçados, ou como órfãos. O Senhor responde à nossa exigência. Cristo cuida de tudo. E como é que Cristo cuida para que Sua presença continue? Fazendo o povo cristão, fazendo reacontecer continuamente o povo cristão. O Senhor continua entre nós porque nós existimos, porque existe o povo cristão, que é o sinal da Sua vitória. Quando a pessoa se deixa invadir por isso, a esperança acontece como uma surpresa, a pessoa surpreende a si mesma esperando: não pode se levantar de manhã sem já ter sido invadida por essa Presença, e isso determina a maneira de estar no real e de ir trabalhar, de viver os relacionamentos.

A nossa esperança, a única esperança que não decepciona, é viver toda a vida apoiados nessa Presença, essa Presença encontrada e amada. E o método é fácil: deixar-se penetrar todas as manhãs, a cada instante, por essa Presença, reconhecer continuamente essa Presença que existe; não precisamos inventá-la, ela existe, o que nos é pedido apenas é que acolhamos esse dom e nos deixemos invadir constantemente por ele. Isso é o que muda a vida, essa é a novidade que Cristo introduziu.

Quem de nós, qualquer que seja a circunstância em que vive, não pode acolher esse dom? Quem, mesmo vivendo muito, muito longe, na África do Sul ou na Austrália ou nas Filipinas, estando em dois, pode dizer que não pode vivê-lo? Ninguém pode nos impedir de acolhê-lo. Aceitá-lo é a novidade que nos faz livres em qualquer circunstância. Peçamos a Nossa Senhora que sejam simples e, como ela, acolhamos a cada dia o anúncio que nos é dirigido.

*(traduzido por Durval Cordas)*

## NOTAS

- <sup>1</sup> Del Noce, A. Carta a Rodolfo Quadrelli (1984), pro-manuscripto.
- <sup>2</sup> Cf. Giussani, L. "Tu" (o dell'amicizia). Milão, Rizzoli, 1997, pp. 40-41.
- <sup>3</sup> Cf. Zambrano, M. Verso un sapere dell'anima. Milão, Cortina Editore, 1996, p. 84.
- <sup>4</sup> Cf. Möhler, A. J. Dell'unità della Chiesa. Milão, Tipografia e Libreria Pirotta e C., 1850, p. 82.
- <sup>5</sup> Giussani, L. Lettere di fede e di amicizia ad Angelo Majo. Cinisello Balsamo, San Paolo, 1997, p. 75.
- <sup>6</sup> Cf. Mt 11,16-17.
- <sup>7</sup> Cf. Arendt, H. Le origini del totalitarismo. Milão, Edizioni Di Comunità, 1996, p. 649. Em língua portuguesa: Arendt, H. Origens do totalitarismo. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- <sup>8</sup> Cf. Giussani, L. O Senso Religioso. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, pp. 143-144.
- <sup>9</sup> Id., *ibid.*, pp. 149-150.
- <sup>10</sup> Id., *ibid.*
- <sup>11</sup> Id., *ibid.*, p. 150.
- <sup>12</sup> Id., *ibid.*, p. 151.
- <sup>13</sup> Cf. Jr 31,3.
- <sup>14</sup> Giussani, L. "Tu" (o dell'amicizia). Op. cit., p. 101.
- <sup>15</sup> Giussani, L., Alberto, S., Prades, J. O acontecimento cristão como encontro. Tradução de Neófta Oliveira. Suplemento da revista Passos Litterae Communionis nº 21, agosto de 2001, p. 13.
- <sup>16</sup> Cf. Id., *ibid.*, pp. 13-14.
- <sup>17</sup> Id., *ibid.*, p. 3.
- <sup>18</sup> Jo 1,41.
- <sup>19</sup> Cf. Giussani, L. Passos de experiência cristã. Tradução de Giovanni Vecchio. São Paulo, Companhia Ilimitada, 1993, p. 77.
- <sup>20</sup> Giussani, L. O acontecimento cristão como encontro. Op. cit., p. 6.
- <sup>21</sup> Id., *ibid.*
- <sup>22</sup> Id., *ibid.*
- <sup>23</sup> Id., *ibid.*
- <sup>24</sup> Id., *ibid.*, p. 7.
- <sup>25</sup> Id., *ibid.*
- <sup>26</sup> Giussani, L. "É, se opera". Tradução de Durval Cordas. In: É, se opera. Suplemento da revista 30Dias nº 2, fevereiro de 1994, pp. 75-76.
- <sup>27</sup> Id., *ibid.*, p. 76.
- <sup>28</sup> Id., *ibid.*, p. 76-77.
- <sup>29</sup> Id., *ibid.*, p. 78.
- <sup>30</sup> Sl 97(96),1-4.
- <sup>31</sup> Sl 80(79),4.
- <sup>32</sup> Sl 97(96),8-9.
- <sup>33</sup> Cf. Giussani, L. "Se não fosse teu, meu Cristo, me sentiria criatura finita". Tradução de Durval Cordas. In: Litterae Communionis nº 59, setembro-outubro de 1997, p. 97. Também publicado em: Giussani, L. L'uomo e il suo destino. In cammino. Gênova, Marietti, 1999, p. 67.
- <sup>34</sup> Cf. nota 7.
- <sup>35</sup> Morante, E. La storia. Turim, Einaudi, 1974, pp. 604-605.
- <sup>36</sup> Cf. Jr 31,3.
- <sup>37</sup> Cf. Sartre, J.-P. La nausea. Turim, Einaudi, 1990, p. 166. Em língua portuguesa: Sartre, J.-P. A náusea. Tradução de Rita Braga. 12ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.
- <sup>38</sup> Giussani, L. "Fé em Deus é fé em Cristo". Tradução de Durval Cordas. In: O milagre da mudança. Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Fraternidade de Comunhão e Libertação, 1998, p. 30. Também publicado em: Giussani, L. L'uomo e il suo destino. Op. cit., p. 129.
- <sup>39</sup> Giussani, L. "Fé em Deus é fé em Cristo". Op. cit., pp. 30-31. Também publicado em: Giussani, L. L'uomo e il suo destino. Op. cit., pp. 129-130.



# Índice

Introdução	3
Palestra	7
Síntese	22
Notas	31

Parte integrante de  
Passos Litterae Communionis nº 65 – setembro de 2005  
Uma publicação da Sociedade Litterae Communionis  
Diretora responsável: Isabella Santana Alberto  
Largo do Paiçandu 72, cjto. 803 – Centro  
São Paulo – SP 01034-010  
(11) 3313-5505 - passos@cl.org.br